

Carta aos jovens

Luís Vicente Barros*

2006

Introdução às Cartas

Essa é a introdução de um relatório um pouco diferente que não segue uma ordem exata ou um padrão formal. Pode ser lido de trás pra frente, de frente pra trás, uma parte agora, outra depois...

Esse é o relatório de minha participação no projeto Rede Brincar e Aprender no ano de 2006.

Durante este ano trabalhei diretamente em duas comunidades, no Horto e na Rocinha. Duas comunidades que estão ligadas pelas matas da floresta da Tijuca, pela coincidência de terem se formado ao longo do percurso da linha de bonde da companhia de Ferro-Carril do Jardim Botânico e pelas escolas, espaços de educação formal que recebem as crianças dessas duas comunidades em suas salas de aula.

No Horto trabalhei com um grupo de crianças, moradoras da Ladeira da Margarida, localidade no Horto onde as crianças brincam na rua, no quintal de suas casas, se reúnem toda tarde para brincarem juntas.

Na Rocinha trabalhei com um grupo de jovens, agentes cultura viva, do Ponto de Cultura: Centro de Cultura e Educação Lúdica da Rocinha. Projeto associado ao MINC (Ministério da Cultura), Governo Federal.

A convivência nesses dois grupos se assemelha a quem está no meio do mar, que se sente absorvido pela imensidão das águas, pela sensação de mistério, de desconhecido. Mar em constante movimento, apresentando infinitas direções, ritmos e intensidades. Assim esse relatório não poderia ser como os outros, seguindo uma trajetória temporal, cronológica, ou qualquer outra ordenação retilínea. Como manifestação do processo que foi vivenciado, ele possibilita e convida o leitor a mergulhar num mar de alegrias, descobertas e encantamento.

O Ponto, o eixo, aquilo que está no meio, no centro...

Todo o processo de convivência vivido nessas duas comunidades tem um eixo único, tem uma linha comum, central. Na cabeça me vem a imagem de um único ponto, um ponto no espaço que eu pudesse segurar entre os dedos polegar e indicador. Por esse ponto passam várias direções, várias possibilidades de configuração, de vir a ser, tudo passa por esse ponto.

Esse ponto é a cultura da criança, um universo encantado, composto pelos elementos presentes nessa fase da vida humana.

Brinquedos de hoje, de ontem, de sempre...

Durante os meses de outubro a novembro de 2005 e março a julho de 2006, de 15 em 15 dias estive por volta das seis horas da tarde na Ladeira da Margarida, uma das localidades da comunidade do Horto, que fica no Jardim Botânico.

Esse era o horário em que as crianças estavam chegando da escola, era o horário que tanto os que estudavam à tarde, quanto os que estudavam de dia se juntavam para brincar. E eu estava lá só para isso, brincar. Brincar as “brincadeiras da Margarida”.

É! Parece loucura, uma coisa sem sentido, um adulto chegar num lugar só para brincar com as crianças. Pois é, também achei estranho no início, chegar e passar minha tarde jogando bola, pique esconde, bolinha de gude. Achava tão esquisita a situação de não propor nada, que em algumas vezes levei algumas coisas para propor de fazermos juntos, e todas às vezes depois de passado um tempo, os meninos começavam a me perguntar: “Vamô joga bola?”, “Vamô brinca de pique-esconde?” eu sempre dizia: “Depois.” E quando olhava, mal tínhamos começado a fazer algo, e já estavam todos correndo, jogando bola, armando o jogo de vôlei. Então resolvi parar e entrar na brincadeira deles, descobrir quais eram as brincadeiras daquele grupo de crianças, os brinquedos que eles construía. E assim fui caminhando, a cada dia me surpreendia, ou com um brinquedo que eles me mostravam, ou comigo mesmo, com

alguma recordação que alguma daquelas brincadeiras me geravam, lembranças do pátio que brincava de bola e pique-esconde com meus amigos, de cheiros e de imagens. Como por exemplo, um dia brincando de pique-esconde com eles, já era noite, e no que me escondi, vi por entre as folhas das árvores, uma lua linda, me recordando das brincadeiras noturnas que brincava no Acampamento Caeté, Colônia de férias que trabalhava.

Em alguns encontros, depois de ter conversado com Joana (moradora local que trabalha com crianças e com o brincar) sobre as atividades que ela costumava fazer com eles, vi que era possível fazermos atividades conduzidas, como por exemplo quando eu levei as Histórias do Nasrudin para contar, e que criamos um espaço para a contação de histórias e para desenharmos. E o bacana foi perceber que ver que a nossa graça juntos era estarmos brincando independente se era ou não possível fazer uma atividade conduzida. Brincar era o que eles esperavam quando eu chegava lá e era o que me encantava.

Numa das tardes que estive lá, fui conversar com Paulinho, avô de Gabriel, que constrói barquinhos de madeira. Conversamos sobre sua infância, sobre o que achava da infância de seus netos. Contou suas histórias de menino, e o que eu vi com essa conversa é que realmente a única coisa a fazer era brincar a brincadeira deles, brincadeiras que não eram deles só, que já

eram feitas ali por seus avós. Pipa, peão, futebol, mata frango, bobteco, casinha, bola de gude. Brincadeiras que vêm sendo transmitidas através de gerações, sendo atualizadas agora, utilizando o material que está disponível, manifestando as questões atuais do local.

Essas brincadeiras não só estão presentes lá na Ladeira da Margarida, mas espalhadas por todo o mundo. E quando vi que a brincadeira do avô era a brincadeira do menino hoje, e algumas delas eram as da minha infância! Aí eu tinha vivenciado realmente a cultura da infância. Algo que já tinha lido, escutado falar, mas que é outra coisa quando recordado no corpo, passado pelos sentidos, pelas emoções.

Era um universo de encantamento, um universo composto pelos movimentos, gestos genuínos, espontâneos, próprios dessa fase da vida humana, da infância. Os brinquedos eram só meios criados, construídos pelas crianças espontaneamente para que elas pudessem expressar determinados gestos e movimentos, compartilhando, criando seus laços afetivos com o seu entorno. Estes gestos e movimentos eram o próprio brincar, a forma como elas se relacionavam com a realidade, prontas para responder ao que viesse naquele momento, naquele instante, sendo flexível, qualidade essencial da criança.

E o que fazer com toda riqueza que tinha vivenciado com as crianças?

Pensei em registrar essas brincadeiras que brincamos, que eram as brincadeiras que eles sempre brincaram. Construimos um cadernão, que eles chamaram de “brincadeiras da Margarida” e que virou um livreto com as brincadeiras que brincamos juntos.

No caminho, Uma Rocinha Lúdica...

Um caminho de muitas experimentações, um caminho novo que começa a ser trilhado, e que não parte do nada. Parte de outros caminhos já trilhados anteriormente, experiências já adquiridas que formaram esse caminho novo. Caminho brincante por onde passam histórias, brincadeiras, adivinhações, música...

No caminho, uma Rocinha lúdica... é o nome do mapa-brinquedo construído junto ao grupo de jovens Agentes Cultura Viva do Centro de Cultura e Educação Lúdica da Rocinha.

A idéia de construirmos um mapa surgiu a partir do cruzamento de duas ações que os jovens vinham fazendo: o levantamento sócio-cultural que os jovens estavam fazendo por meio de filmagens, fotos e entrevistas, registrando a história e as brincadeiras da Rocinha; e a montagem de um acervo lúdico, um repertório de brincadeiras que brincávamos com os brinquedos construídos por eles, os brinquedos construídos com os dinamizadores do Projeto Rede Brincar e Aprender e mais um conjunto de brincadeiras lembradas de nossas infâncias.

Em nossos encontros começamos a fazer os desenhos dos trajetos feitos pelos jovens ao entrevistarem os moradores da Rocinha junto ao Eduardo, educador do Centro de Cultura e Educação Lúdica da Rocinha. O desenho do mapa começou a ser feito a partir desses caminhos, que depois foram ampliados e realmente visualizados com os mapas aéreos e topográficos da Rocinha apresentados por Firmino (um dos coordenadores do Centro Lúdico).

A cada encontro, o mapa ia ganhando forma e conteúdo, era um misto de informações que iam se cruzando, brincadeiras, possibilidades de brincar com o mapa, músicas, histórias... E assim, dessa mistura de informações, ele ganhou forma costurando as ações que propusemos dar continuidade no projeto.

O mapa, feito de pano em sua forma e conteúdo, materializou a unidade do grupo e a integração das ações vivenciadas pelo grupo. O mapa era exatamente o resultado de nossa convivência, fruto das ações e reflexões sobre tudo que foi feito, associado ao contexto que estávamos envolvidos, das brincadeiras, mais as histórias do lugar, da Rocinha.

As linhas de ação foram tecidas, se cruzaram e deram uma identidade ao Ponto de Cultura da Rocinha. Acredito que o processo de construção do mapa foi mais do que a simples construção de um brinquedo, foi a construção de cada um

dentro do projeto e do próprio Centro de Cultura e Educação Lúdica da Rocinha que estava em seu primeiro ano de ação. O mapa é o resultado de um processo de construção coletiva com muitas experimentações realizada pelos jovens, pelos educadores, coordenadores e amigos do projeto.

De ponto a ponto

De ponto a ponto era uma proposta de ação do Centro de Cultura e Educação Lúdica da Rocinha que visava a troca, o intercâmbio entre os projetos do Centro com outros pontos de cultura. A idéia era visitarmos outros projetos que fossem também pontos de cultura e levarmos as oficinas que os jovens Agentes Cultura Viva já vinham realizando em escolas e espaços de educação infantil na Rocinha com os brinquedos construídos por eles, os brinquedos construídos com os dinamizadores do projeto Rede Brincar e Aprender e mais um conjunto de brincadeiras lembradas de nossas infâncias.

Essa proposta surgiu a partir do evento da TEIA Cultural realizado em São Paulo, promovido pelo MINC (Ministério da Cultura), Governo Federal, que tinha como objetivo realizar um grande encontro, a nível nacional, de todos os pontos de cultura de diferentes regiões do país.

Nossa primeira viagem foi para este evento, onde realizamos uma oficina no meio do saguão, e uma das coisas que mais me encantou durante a oficina em meio àquela barulhada eletrônica

foi a iniciativa do grupo de jovens que nunca tinha feito isso, pela mobilização deles em fazer acontecer nossa oficina num espaço que nem estava preparado para isso. Num primeiro momento vi Tayná indo buscar as crianças para brincar na Ciranda. Depois observei o Paulo conduzindo a *brincadeira do padeiro* (brincadeira popular) num momento em que ele percebeu que a Ciranda já estava ficando desinteressante e, pela sua observação do movimento que estava acontecendo, propôs uma outra brincadeira. Ao final desse dia me lembro de Firmino (um dos Coordenadores do Ponto de Cultura) falando aos jovens sobre a experiência do dia, da flexibilidade necessária para lidar com os imprevistos quando se está na rua, exatamente da forma como eles responderam a situação. Estiveram todo o tempo sensíveis ao que estava acontecendo, observando e aproveitando os elementos que tínhamos para fazer a oficina. Outra viagem foi para a Fazenda Faraó, colônia de Férias do Laza, amigo da PUC. Fizemos um encontro entre os jovens e os educadores do Centro para confraternizarmos o encerramento de uma primeira fase de 6 meses e visualizarmos o que tinha sido feito e quais seriam nossos próximos passos.

A outra viagem foi para Paraty, onde tivemos contato com dois Pontos de Cultura, o ITAE que ficava na própria cidade e o quilombo da Independência que ficava a uns 12km da cidade. No sábado de manhã, fomos para a escola onde realizaríamos a oficina, era um dia de sol lindo, e apareceram 50 educadores.

Deu orgulho de ver os meninos conduzindo a brincadeira, nós educadores do projeto não precisamos fazer nada. Na noite anterior havíamos pensado com eles como seria a atividade, como dividiríamos o grupo, já que era esperado um grande número de professores e professoras. Na hora foi tudo diferente, eles improvisaram, e fizeram uma linda oficina, colocando todos a brincar das brincadeiras de nosso repertório e abertos para aprender as brincadeiras das educadoras de Paraty que eles ainda não conheciam. No quilombo, caminhamos, dançamos jongo e tomamos banho de rio para fecharmos com chave de ouro nossa viagem.

Essas viagens eram oportunidades para estarmos juntos brincando, cantando, conversando, convivendo, trabalhando, aprendendo e de nos conhecermos mais. Viajar possibilitou estarmos mais afinados enquanto grupo.

Um arco-íris de brincar

Arco-íris de brincar foi o nome dado por Alciene, ex-dinamizadora da brinquedoteca Peteca (ASPA, Rocinha), ao brinquedo construído junto a ela. E foi um dos primeiros brinquedos que brincamos juntos, eu e os jovens Agentes Cultura Viva. Um dos primeiros que experimentamos as possibilidades de brincar. Os retângulos de panos coloridos viravam sacos para corrida, um minhocão para se passar dentro, cabana, cenário para o teatrinho...

Numa parte de nossos encontros semanais a ideia era de estarmos nos apropriando dos brinquedos que tínhamos para podermos propor brincadeiras com eles e estarmos prontos para utilizá-los em oficinas.

No início os brinquedos eram os já confeccionados nos anos anteriores com os dinamizadores do projeto Rede brincar e Aprender.

Depois esse acervo foi ampliado com os brinquedos de pano feitos pelos jovens Agentes Cultura Viva junto com as costureiras Lena e Maria Da Paz, do grupo de artesãs mulheres Solidárias, e os de madeira feitos junto ao marceneiro, Sr. José. Do trabalho junto com esses profissionais saíram personagens de pano, painel para contar histórias, livro de pano, teatrinho de fantoches, futebol de dedo.

Esse conjunto de brinquedos começou a ser utilizado pelos jovens em oficinas que eram realizadas em escolas e espaços de educação infantil na Rocinha.

A partir da vivência deles realizando oficinas, começamos a trabalhar em cima desse repertório de brinquedos e brincadeiras para ampliá-lo e principalmente manter-nos em contato com o universo da criança. Com essas atividades lúdicas de aprendizagem fomos observando a importância de estarmos prontos para trabalharmos com a situação que nos fosse

apresentada, precisávamos, naquele momento, exercitar a flexibilidade, e nada melhor para exercitar isso do que brincar.

Em nossos encontros começamos a brincar muito, brincávamos durante todo o tempo. Brincadeiras de nossas infâncias, brincadeiras que eu aprendi com Lydia Hortélio, Adelsin e Lucilene no Teatro Brincante, lá em São Paulo. Cantamos, fizemos brincadeiras de roda, construimos brinquedos de papel, apitos com garrafas e canudos, bonecas de pano, cabanas, jogos... Todos eram brinquedos que promoviam a integração do grupo e a integração de cada um consigo mesmo numa ação coletiva.

As brincadeiras e os brinquedos mantinham acordado em nós o espírito do brincar, ativavam em nós o estado de presença que era essencial ser despertado na hora das oficinas para podermos estar inteiros com o grupo que se apresentava, mantendo nossa comunicação livre, genuína.

A alegria de estarmos juntos

Durante os meses de março a outubro de 2006, trabalhei com o grupo de jovens Agentes Cultura Viva, jovens moradores da Rocinha e de outras comunidades que tinham algum vínculo com este lugar. Eles faziam parte do projeto do Centro de Cultura e Educação Lúdica da Rocinha.

Minha participação neste projeto inicialmente era estar junto a este grupo em um encontro semanal auxiliando no desenvolvimento e materialização de brinquedos a serem construídos por eles para a criação de um acervo lúdico, uma das propostas de ação do projeto.

Tínhamos várias possibilidades de coisas a construir: uma bandeira com um símbolo da Rocinha, uma história com cenários e personagens, bonecos gigantes...

Começamos com os personagens que estariam sendo construídos junto as costureiras Lena e Maria Da Paz, do grupo de artesãs Mulheres Solidárias.

O projeto também tinha inicialmente algumas outras propostas de ação, uma delas era a do Pingos de Cultura que estava relacionada a pintura das paredes dos espaços administrados pela ASPA, que são utilizados para os encontros dos Agentes Cultura Viva: a quadra de esportes, a brinquedoteca, o pátio de brincar e corredores.

Numa tarde os jovens haviam combinado com Firmino (coordenador do Centro) e Eduardo (educador do centro) a pintura das paredes da ASPA. Para descobrirmos o que estaríamos desenhando, começamos primeiro a rabiscar no papel e pedi que sugerissem idéias para desenharmos. Tayná sugeriu um oceano no pátio aproveitando o azul do fundo da

parede do pátio. Com o tempo todos foram se soltando e se sentindo à vontade para desenhar na parede.

Vi que era a mesma coisa trabalhar com eles nos personagens ou pintando a parede. Vi que o trabalho com esse grupo era de estar junto deles no desenvolvimento deles dentro do projeto, usando diferentes elementos, tinta, brinquedo...

A partir daí propus de construirmos nossos cadernos para registrarmos as coisas que íamos aprendendo juntos, começamos escrevendo no caderno quais recursos que eles poderiam estar usando quando fossem fazer oficinas ou estivessem junto a um grupo de crianças. Trabalhamos o registro com desenhos também.

A convivência com os jovens me abriu os olhos para essa fase da vida, entre o ser criança e o ser adulto. Esse tempo da juventude, tempo de descobertas, de estar se abrindo para o novo, tempo de assumir responsabilidades, tempo de amadurecimento, de se descobrir diferente, tempo de transição.

Tempo para cuidar, para não enrijecer, não perder a flexibilidade, a ingenuidade da infância.

Desse tempo de convivência com Heitor, Arthur, Pablo, Everton, Bruna, Isabelli, Tayná, Maicon, Paulo e Ana Carolina

o que ficou para mim foi o riso da surpresa de cada encontro e a alegria de estarmos juntos.

Vó Antônia

Era segunda – feira, um lindo dia de sol, calor. Cheguei por volta das 11hs na Ladeira da Margarida conforme combinado com as crianças para montarmos uma casinha com bambus. O local escolhido para montar foi na horta, atrás da garagem de Paulinho. Gabriel pegou uma faquinha e começou a cortar as bananeiras que estavam atrapalhando, e ia dizendo aos outros o que fazer; depois começaram a aparecer as vassouras e os meninos começaram a varrer o chão, preparando o terreiro para fazer a casinha.

Nesse mesmo tempo, Felipe foi pegar uma cavadeira para fazer os buracos para colocar os bambus. Depois do terreiro preparado, os meninos escolheram o lugar onde iria ficar a casinha para começar a cavar os buracos. Felipe começou a cavar os buracos, parecia que já fazia aquilo há muito tempo, depois Gabriel revezou com ele. Os bambus foram colocados um em cada ponta do espaço onde seria a casa, quatro bambus. A partir daí, foram colocando um bambu e outro, amarrando, fazendo o telhado, as paredes. Eu? Só precisei dar uns toques, o resto foi com eles. Buscaram uma escada para amarrar os bambus no alto.

Depois de toda estrutura montada, eles começaram a sugerir de cobrir com o plástico, e fui ajudando a fazer o que eles tinham pensado, amarrando os plásticos e lonas. A surpresa do dia foi quando cheguei e eles tinham colocado uma porta na entrada; achei muito bacana por estarem já apropriados da casinha. Aliás desde sempre estiveram e foi preciso esse tempo todo juntos, brincando da brincadeira deles para fazermos essa casinha.

A casinha foi chamada por eles de “casinha da D. Antônia”. D. Antônia é uma antiga moradora da Ladeira da Margarida, responsável pela organização das festas de São João, dia das crianças, natal e que ensinara muitas brincadeiras para as crianças.

Gabriel, Felipe, Henrique, Gustavo, Julia, Nicolas, Mateus e Rafael pela forma harmoniosa, gentil e justa com que se organizavam na brincadeira e como brincavam livremente respeitando, chamando atenção de quem não tava brincando legal... Tão novos e com senso de justiça tão grande, fiquei muito encantado e feliz por ver que ali a infância ainda une a alegria, o respeito, gentileza e cuidado. Ali ainda se manifesta uma relação amorosa entre as crianças e deles com o espaço que vivem; brincam.

Na Ladeira da Margarida os moradores participavam da vida das crianças, estavam sempre presentes, chamando atenção quando uma criança não estava brincando direito, conversando

com eles quando passavam pela rua, fazendo uma brincadeira. Na Margarida as crianças crescem livres, responsáveis e em contato saudável com seus familiares e vizinhos.

Gabriel, Felipe, Henrique, Gustavo, Eliane, Julia, Nicolas, Mateus e Rafael. Tão novos e com senso de justiça tão grande, fiquei muito encantado e feliz por ver que ali a infância ainda une a alegria, o respeito, gentileza e cuidado. Ali ainda se manifesta uma relação amorosa entre as crianças e deles com o espaço em que vivem e em que brincam.

* Luís Vicente Barros é professor do Departamento de Design da PUC-Rio